



Pedro Vianna

MUDEMOS DE RITMO

(agosto/setembro 1976)

Tradução para o português
Altamirando Borges Camacam
(com a colaboração do autor)

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivos.com/pedro_ritmo.pdf

2006

DO MESMO AUTOR:

Poesia:

Poemas de Amor e de Revolução

(Setembro 1976)

Teatro:

O Decreto Secreto

(Julho 1997)

Copyright Pedro Vianna

Primeira edição francesa: Paris, juillet 1977

Depósito legal 3º trimestre 1977

*para Sylviane e Gérold de Wangen
com toda minha gratidão*

*E obrigado a Denise
por sua ajuda*

Após ter partilhado conosco seus exílios, seus amores, as descobertas de sua vida, o autor de *Poemas de Amor e de Revolução* lança-nos em face nossa própria vida, a do homem, da mulher, quotidianamente arrastados no turbilhão das grandes cidades de países ditos desenvolvidos. Por serem menos visíveis, menos revoltantes, menos diretas do que nos países da América Latina que Pedro Vianna conheceu, a repressão e a opressão não são por isso menos presentes; menos aparentes, mais sorrateiras, elas nos esmagam: trata-se da indiferença, do embrutecimento causado pelo trabalho puramente mecânico, da pressa diária da mãe de família diante da multiplicidade de seus afazeres.

Aquilo que em certo poema poderia parecer um jogo de palavras fútil, uma construção intelectual mais ou menos “surrealista”, faz-nos mergulhar no círculo vicioso do “metro-boulot-dodo” (metrô-trabalho-soninho) que nos impedirá de escutar a

*“sereia encantadora
do questionamento”*

Algumas pessoas podem rejeitar esta visão do mundo com uma violência tanto maior quanto ela nos apresenta nossa mais banal realidade de cada dia.

Será que o “Homem esquecido” vai despertar antes de deixar-se devorar completamente?

Dénise Peyroche, Paris, 5-5-77

*para Gíseh, minha irmã
que me indicou o caminho*

é coisa indubitosa
e provada
que sobre nossa
bola que rola
a reta
continua sendo
a linha mais curta
entre dois pontos
de sua carcaça

no entanto
nada garante
que o itinerário
mais curto
seja
o melhor dos caminhos

Paris, 27.IX.76

Ele tem as mãos limpas
dignas de um oficial culto
Ele não toca, por princípio,
nenhum de seus prisioneiros

Ele tem a consciência tranqüila
de um general de um exército liberal
de um homem que sabe trabalhar
usando somente seu cérebro

Ele tem a consciência tranqüila
Ele tem limpas as mãos
quando quer começar a tortura
manda chamar o sargento

Paris, 25.IX.76

Se és solteiro (a)
E tens algo
a esconder
Não hesites em fazê-lo
entre as paredes
de tua casa

Vê só
polícia lá não pode
entrar
entre o momento
do silêncio
e os primeiros sons
da manhã
ao cabo, pois,
caro amigo
tens tuas oito horas
de sono

Durante as horas
de escritório
tua porta está bem fechada
com seus sete ferrolhos
isto te dá então
as oito horas
do comum dos mortais
mais a hora do
almoço

Se tens ainda
a sorte
de morar
num subúrbio
tuas três horas
de transporte
vêm a elas somar-se

Isto tudo representa
já
vinte horas
de crédito
durante as quais
em tua casa
ninguém pode
entrar

Uma hora mais
para o jantar
E outra ainda
para limpar a casa
o copo de leite
de manhã
a toaleta
e o resto
eis tua jornada
acabada

Vês assim
que ninguém
pode encontrar
o que quer que lá tenhas
escondido bem

Mas
ao cabo
eu me pergunto
como amigo
e
companheiro
depois de uma tal
jornada

**será que ainda tens
algo
a esconder?**

Paris, 19.VIII.76

A SEMANA EM PARIS

Domingo

Teu metrô pára
iluminado

Teu homem está fechado
silencioso

Teu metrô salta
já

Teu homem aproxima-se
enfim

Teu metrô está morto
sereno

Teu homem lá está
seco

Teu metrô pensa nisso
depressa

Teu homem rola
por falência

Teu metrô espera
limpo

Teu homem está visível
barulhento

Segunda-feira

O metrô rola
barulhento

O homem espera
silencioso

O metrô aproxima-se
depressa

O homem pensa nisso
sereno

O metrô está visível
iluminado

O homem está fechado
por falência

O metrô lá está
enfim

O homem salta
já

O metrô pára
seco

O homem está morto
limpo

Terça-feira

**Homens param
já**

**Metrôs esperam
limpos**

**Metrôs estão visíveis
serenos**

**Homens aproximam-se
depressa**

**Homens lá estão
silenciosos**

**Metrôs saltam
barulhentos**

**Metrôs estão fechados
iluminados**

**Homens rolam
enfim**

**Homens estão mortos
secos**

**Metrôs pensam nisso
por falência**

Quarta-feira

Meu metrô lá está
seco

Meu homem pára
lmpo

Meu metrô está morto
depressa

Meu homem está fechado
barulhento

Meu metrô está visível
já

Meu homem pensa nisso
enfim

Meu metrô aproxima-se
por falência

Meu homem salta
iluminado

Meu metrô está visível
sereno

Meu homem espera
silencioso

Quinta-feira

**Um metrô rola
depressa**

**Um homem espera
barulhento**

**Um metrô aproxima-se
silencioso**

**Um homem pensa nisso
já**

**Um metrô está visível
seco**

**Um homem está fechado
iluminado**

**Um metrô lá está
lmpo**

**Um homem salta
enfim**

**Um metrô pára
sereno**

**Um homem está morto
por falência**

Sexta-feira

**Os metrôs param
enfim**

**Os homens saltam
por falência**

**Os homens estão visíveis
ruidosos**

**Os metrôs aproximam-se
serenos**

**Os metrôs aguardam
já**

**Os homens rolam
silenciosos**

**Os homens estão fechados
secos**

**Os metrôs lá estão
limpos**

**Os metrôs estão mortos
iluminados**

**Os homens pensam nisso
depressa**

Sábado

**Nosso homem espera
sereno**

**Nosso metrô salta
enfim**

**Nosso homem lá está
iluminado**

**Nosso metrô aproxima-se
por falência**

**Nosso homem pára
limpo**

**Nosso metrô está fechado
seco**

**Nosso homem está visível
já**

**Nosso metrô está morto
barulhento**

**Nosso homem pensa nisso
silencioso**

**Nosso metrô rola
depressa**

domingo...

**nosso metrô lá está
barulhento**

**nosso metrô aproxima-se
depressa...**

Paris, 24.IX.76

Começou
Levanta-te
A toaletes!
Veste-te
faturas
talão de cheques
taxas
o catálogo
a publicidade

ah!
esqueceste
a carta
da vouó

Olha em frente
Estás atrasado (a)

(pô!
que babaca
esta vouó)

Sobe
Empurra
Comprime
Rechaça
Desce
Golpeia
Bate
Rebate
Grampeia
Regrampeia
Põe clipe

(ah! é hora
de comer)

Depressa!
Poucas mesas
No bar
Não espera
o elevador
Prato do dia
Copo de vinho
Queijo
e café

**NÃO ESQUEÇAS
DE PAGAR**

Telefona
Reclama
Proclama
tua fidelidade
Sorri
Põe os selos
Registra
Ordena
Põe etiqueta
Golpeia
Bate
Rebate
Grampeia
Põe clipe

(Ah!
é hora
de partir)

As compras
depressa
as lojas
vão fechar

os preços
vão subir
Os pacotes
a sacola
palmilhas lilás
papel perfumado
lata de lixo de plástico
conversível
em carrinho de criança

é meio
nojento
mas o dinheiro
já se sabe...

A bolsa
o pão
SOBE
Esmaga
Expulsa
Des-ce

uf! pode-se
resp

Controle!
Tiquete
Os pacotes
A sacola
o pão
conversível
em lata de lixo
atenção!
a bolsa está aberta

(oh! os tampax
viole-ta)

então?
aqui está
Pode seguir
Obrigado

(Porra! as crianças
na escola)

Limpeza
Lavar roupa
A BÓIA
Lavar louça
os deveres?
estão feitos?
anda
a tevê
O relógio
as contas
prá cama
faz amor
as contas
o relógio
a parede

(cansado(a) demais
para sonhar)

Acorda!

(Acordar?)

Acordei.

Paris, 27.IX.76

O DESESPERO DE ALGUNS, A RESPOSTA DOS OUTROS

Andem!
Partam!
Corram!
Abram a boca!
Gritem bem alto!
Gritem
Gritem, mas em vão
O monstro está solto
Ele lhes persegue
Ele os ataca
Ele os excita
Ele os chama
Ele lhes pede
Ele os devora
Ele os atrai
Vocês se escapam

Andem!
Andem depressa
em passo de marcha
não virem
a cabeça
tentem esquecer
este assassino voraz

Apaguem de suas
ímagens
a do monstro
sagrado
dos bárbaros
que não os deixa mais
nem um instante de descanso

Não pensem mais nele
ele desaparecerá
talvez
alguém lhes disse
Mentira!
Triste promessa
impossível de cumprir

Desesperem!

Deixem-se
enfiar a cabeça
nos grandes fossos
preparados para vocês

Não se acanhem!
deixem de lado os complexos
e sejam
como todo mundo
Afinal,
o álcool não é caro.
Encham seus copos
Esvaziem-nos!
Encham-nos de novo!
Esvaziem-nos de novo
Insistam!
Repitam a operação
Até o infinito
Se for preciso

**Não tremam!
no final,
nada mais.**

**Disciplinem-se
imbecis
e terão
sua paga
o bônus-silêncio**

**Deixem-se
Devorar
os braços, as pernas
os olhos, as lágrimas
por essas máquinas
estranhas
roubadas a seus
parentes**

**Não finjam!
Atuem de verdade
que ninguém duvida
de sua franqueza
Vistam a pele
do gerente do rebanho
Vivam seu papel
tal como vos foi designado**

**Não tenham muito medo!
Outros vocês
defendem-nos
deste monstro assustador
Eles são a polícia,
o exército
e o estado.**

Tapem os ouvidos
ao ouvir a sereia
tentadora
do questionamento
Mantenham o silêncio!
Outros pensam
por vocês.

Divirtam-se
no domingo
tudo lhes foi
preparado.
Seus salários
têm
uma parte reservada
ao flíper!

Andem
nada de perguntas
Apressem-se
peguem seu
lugar!
o metrô vai partir!

Nesta época
de crise
de desemprego
e de baixa
há poucas cadeiras
para a ilha
da paz.

Não durmam!
abram o caminho!
prá frente!
arrombem!

triturem seu irmão
sua mãe
seu amigo
mas não larguem
sua sorte inaudita
matem!
se for para se defender.
Nossos juízes
absolver-lhes-ão
está previsto na lei!

Vosso futuro
está em jogo.

Pensem na sepultura
de mármore
com letras douradas
na cruz de metal
tudo isto
é muito caro
como pagá-lo?

Parem!
Compreendam!
realizem!
não há
escolha.

a fuga é impossível!

é a rebelião
ou
somos nós
ou então
é a goela
do monstro

Voltem!
tranquem-se
em suas casas
blindem os contra-ventos
e tapem-lhes as frestas
deitem-se
sem alvoroço
durmam em silêncio

Enquanto
suas bocas
se calam
enquanto seus olhos
estão fechados
mataremos os revoltosos.

Acordem
sem pensar
na véspera à noite
vão trabalhar
sem nada almejar
desejem o paraíso
sejam gentis
sejam educados
sejam disciplinados
creiam em Deus
respeitam a autoridade
ajam em consequência
e nós os manteremos
em plena segurança

leiam nossos jornais
escutem nossas canções
olhem a tevê
sigam o horóscopo
paguem seus impostos

**saíam de férias
aceitem a receita**

**agora
abram os braços
eis aqui a
recompensa**

**ficarão isolados
deste monstro infernal
desta fera selvagem
que os quer amar
escondam-se
sob nossas asas
de senhores burgueses
abriguem-se
em nossa sombra
acalmem-se
parem de tremer
não sofram mais
nós,
os todo-poderosos
nós os protegeremos
da vida**

x

x

x

**senhores
permitam-me
responde-lhes
em poucas palavras**

mais ou menos inspiradas
pela rima
popular

seu dinheiro, guardem-no bem
pois ele lhes será necessário
para em breve defender-se
de nosso não a seus cantos

da vida não é preciso
que alguém nos defenda ou isole
sabemos escolher nossos caminhos
sabemos reconhecer nossos irmãos

agora é nossa vez
de dizer-lhes algo
(mas rendam-se às evidências)

ou já já vão-se embora daqui
sem criar problemas demais
ou nós cuidaremos disto.

Paris, 30.VIII.76

bebê
posto
na cama
agarra
as sombras
que mexem, que mexem, que mexem

criança
deixada
de lado
respira
as ordens
que ferem, que ferem, que ferem

menino
largado
na rua
desdobra
os gestos
que fecham, que fecham, que fecham

jovem
enviado
à guerra
imobilisa
as esperanças
que deslizam, que deslizam, que deslizam

adulto
perdido
na multidão
engendra
as feridas
que tranqüilizam, que tranqüilizam, que tranqüilizam

velho
jogado
de lado
digere
as horas
que dançam, que dançam, que dançam

cadáver
fendido
no crânio
canta
os versos
que mudam, que mudam, que mudam

Homem
esquecido
no tempo
queima
as formas
que coagulam, que coagulam, que coagulam

Paris, 29.IX.76

A PROPÓSITO DAS PESSOAS

o “a gente” substituiu o “nós”
o “você” quer substituir o “a gente”,
será que um dia o “eu” vai substituir o “você”?
será que o “nós” substituirá o “eu”?

Paris, 20.IX.76

Este livro eletrônico foi composto com tipos GansAntiqua (títulos e texto) e GansIbarra (cabeçalho e rodapé)

Copyright © Paulo W, Intellecta Design, 2006 (reproduzido com autorização) – <http://www.intellectadesign.com>